

Em defesa do ensino de Ciências

Devemos nos preocupar com o impacto daquilo que dizemos e fazemos sobre as expectativas de estudantes e professores do Ensino Médio. Por isso, consideramos que há uma urgente necessidade de valorizar o ensino das Ciências. Em um ensaio lido em 2010 na Academia Brasileira de Ciências, com o título *Arte, ciência e desenvolvimento*, o cineasta João Moreira Salles apontou uma grave dicotomia nacional: por um lado, temos no Brasil uma cultura que promove as artes e humanidades, mas, por outro, não vemos o mesmo empenho na defesa das ciências naturais e das engenharias.

Acadêmicos da palavra apresentam a arte de redigir como o saber supremo. Essa defesa corporativa é até esperada. O problema é que, quando se trata do vestibular, essas vozes defendem que a prova de redação se destaque sobre as demais, com o argumento de promover formação mais ampla. “Mais ampla”? Espantoso. Por isso é animador vermos um homem das humanidades na defesa do conhecimento científico e da tecnologia. Pena que haja tão poucos joões como o corajoso cineasta. Essa raridade se agrava porque homens e mulheres da tecnologia e da ciência costumam ser pouco “glamorosos” na defesa de sua própria área para o público não técnico.

Vemos como especialmente pernicioso a insistência dos que apontam o ensino da redação como a grande falha na educação. Com isso, eles defendem que as notas de redação devam ser as de maior peso nos vestibulares. O Enem, hoje o maior vestibular do País, chega ao cúmulo de dar para a redação peso igual ao de todas as outras matérias juntas. Isso leva a um duplo desvio. O primeiro é o de atribuir muita confiabilidade às notas da redação; o segundo, o de ignorar que o Ensino Médio precisa preparar de fato os jovens para um mundo que exige, além do domínio da linguagem natural, do nosso velho e bom Português, também um bom conhecimento das linguagens abstratas das ciências.

É necessário tirar da sombra a importante parte do conhecimento humano que nos legou o mundo moderno, com a comunicação impressa e eletrônica, a tecnologia da alimentação, saúde, transportes e muitas maravilhas mais. Quem trabalha com estudantes sabe que precisamos urgentemente inspirar mais jovens a adquirirem competência em ciências e tecnologia. Corremos o risco de nos tornarmos colônia cultural, importadora da produção intelectual de países que nunca esqueceram a enorme importância da linguagem dos números - que expande e potencializa nossa língua natural. ■



Carlos Eduardo Bindi
Educador e diretor do
Grupo Educacional Etapa
www.sistemaetapa.com.br